

RESENHA:

A EXPLOSÃO DE HELOISA

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. EXPLOSÃO FEMINISTA: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (531 págs).

Beatriz Resende⁰¹

O recém lançado livro de Heloisa Buarque de Hollanda, *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade* é, ao menos para as mulheres, o livro mais importante do ano.

A urgência do tema, o feminismo da 4a. onda com novas manifestações dos múltiplos feminismos, junta-se a uma proposta inédita de romper com teorias de herança masculina e predominantemente europeias para recorrer a novas epistemologias femininas e decoloniais. Sem bibliografias, sem cronologias historiográficas, sem a famosa pseudo neutralidade acadêmica, Heloisa Buarque nos apresenta o que chama de um “livro ocupação”. E explode formatos, dicções, conceitos e preconceitos trazendo a público o que são hoje os feminismos com suas especificidades, às vezes em fricção. Tudo isso sem abrir mão da autoria, do grifo que é seu, da curadoria das propostas e falas.

Feminista da 3a. onda, professora universitária no mais alto ponto da carreira acadêmica, pesquisadora e crítica da cultura que já mereceu todos os prêmios por iniciativas inovadoras como a criação da Universidade das Quebradas na UFRJ, mais uma vez a autora busca novas metodologias, continuando a promover rupturas na maneira de partilhar conhecimento. O livro poderia ser um relato de suas vivências do movimento feminista, com suas próprias convicções. Mas não é. Poderia ser a organização de coletânea de ensaios como o fundamental *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, de 1994, que nos trouxe muito da reflexão americana que ainda não chegara até nós. Seria, porém, manter-se numa zona de conforto, ligada demais a um modelo acadêmico que precisa hoje ser atravessado em direção a novas formas de escuta, novas parcerias, outros recursos.

Para compreender o susto que as recentes manifestações dos feminismos provocam, a importância dessas novas vozes que, como diz a autora “Chegaram e falaram, quiseram, exigiram. O tom agora é de indignação”, a autora senta-se ao lado de garotas de shortinho ou jovens mulheres de dentro ou fora da academia para elaborar as duas primeiras partes do livro: “A nova geração política” e “Palavra forte”. A parte 3 dá palavra aos feminismos da diferença. Não é mais escrito com, mas escrito por, o que se explica pela introdução: “Falo eu, professora, 79 anos, mulher, branca e cisgênero”. O feminismo negro cresce com a força que hoje tem, o protestante traz novidades que surpreendem mostrando ser objeto de pesquisa a ser seriamente investigado. As vozes dos movimentos LGBTQI! (lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queer, interse-xo) falam por si e a questão da interseccionalidade se afirma. A apresentação do feminismo nas artes visuais e da performance é impactante e na poesia contemporânea, xodó de Heloisa, ar-rasa.

O livro fecha belamente com textos de sete veteranas que promovem um balanço dos ganhos e das batalhas ainda curso, como a luta pelos direitos reprodutivos das mulheres e a histórica Shuma Shumaher encerra seu texto com a necessária combatividade: “a revolução será feminista ou não será”.

01 Crítica literária e Professora Titular da Faculdade de Letras da UFRJ; Pesquisadora do CNPq e da FAPERJ; Pesquisadora do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ.

